

Para cientistas políticos, desgaste afeta governo

Denúncias contra presidente do Senado podem comprometer imagem da base aliada

VERA FREIRE

O desgaste enfrentado pelo senador Jader Barbalho (PA), alvo de denúncias de irregularidades, tem comprometido não apenas a imagem do presidente do Senado, um dos principais líderes do PMDB. O presidente Fernando Henrique Cardoso também sofre prejuízos, à medida em que se agrava a crise entre os partidos que dão sustentação ao seu governo. Essa é a avaliação de cientistas políticos ouvidos pelo Estado.

“A sucessão das Mesas do Congresso mal-articulada e as feridas não curadas dessa batalha corroeram a base aliada”, avalia o cientista político da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Marco Antonio Carvalho Teixeira. “O Jader Barbalho é realmente a bola da vez e as denúncias contra ele saem das entranhas

do governo ou seja dos partidos da base aliada.”

Apesar de considerar que a sucessão de denúncias deixaram a imagem de Jader “muito comprometida”, Teixeira acha improvável que o presidente do Senado seja afastado do cargo. Ele acredita que o “silêncio dos tucanos” em relação às denúncias contra o presidente do Senado pode ser entendido pela opinião pública como uma forma de tentar acobertar o suposto envolvimento do senador em irregularidades.

“Acho perigoso o deputado Arthur Virgílio (*líder do governo no Congresso*) conceder entrevista na qual afirma que existe uma onda de denuncismo que pode paralisar o País”, observa. “Todos sabem que Jader foi o candidato do governo à presidência do Senado e esse tipo de posição pode reforçar essa percepção”.

Desgaste – Para a cientista po-

lítica da Universidade de São Paulo (USP) Maria Hermínia Tavares, a crise enfrentada por Jader desgasta a imagem do presidente, mas, segundo ela, Fernando Henrique nada pode fazer no momento. “É uma situação desconfortável”. Na sua opinião, a base aliada está em crise por dois motivos. O primeiro, são as disputas internas entre PFL e PMDB. O outro é pe-

lo fato de ainda não existir um candidato à sucessão de 2002.

Maria Hermínia tem uma explicação para os frequentes abalos registrados na base aliada. Segundo ela, é um comportamento típico do presidencialismo de coalizão. “No Brasil, ninguém chega ao poder sozinho”, afirma. “É isso acontece desde 1946”. Em relação a Jader, a professora do departamento de Ciência Política da USP acredita que os trabalhos no Senado ficarão paralisados. “A presidência do Senado fica muito enfra-

quecida tendo como cabeça uma pessoa sob suspeição”.

O cientista político Carlos Novaes não vê a existência de uma crise na base aliada. “Vou acreditar nisso somente quando o governo não conseguir aprovar um projeto importante”, observa.

O silêncio dos tucanos em relação às denúncias contra Jader não surpreendem o cientista. Novaes desenha o seguinte cenário: o PSDB necessita que a aliança seja preservada para fortalecer o candidato tucano à Presidência, que, segundo ele, será o ministro da Saúde, José Serra. “Não é à toa que o governador do Pará, Almir Gabriel, saiu de uma audiência com o presidente Fernando Henrique defendendo o Jader”, observa.

Do outro lado desse cabo de guerra, estão os peemedebistas defensores de candidato próprio para disputar o sucessão, como o governador de Minas, Itamar Franco, e o deputado Michel Temer (SP). “Para o PMDB, é mais racional rifar o Jader e ter candidato próprio para estimular as bases municipais”, disse.

DISCURSO
DE VIRGÍLIO É
PERIGOSO, DIZ
PROFESSOR